PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

O Livro do JONÁS

1018

O MINISTÉRIO DO JONÁS

1019

INTRODUÇÃO

1.Título.-

O livro toma seu nome de seu personagem principal, Jonás, Heb. Yonah, que significa "pomba". Yonah se emprega como um término carinhoso no Cant. 2: 14; 5: 2; 6: 9.

2. Paternidade literária.-

Embora em nenhuma parte do livro se declara que Jonás foi seu autor, a opinião tradicional foi que foi. Muitos eruditos modernos se pronunciaram por uma paternidade postexílica embora não negam necessariamente a historicidade do Jonás. Entretanto, os argumentos que apresentam, tais como a presença de arameísmos, não são concludentes. O estudo do ugarítico demonstrou a antigüidade de muitos giros e palavras que antes se consideravam como de uma época muito posterior (ver com. Sal. 2: 12; T. III, P. 640). Assim também o emprego da terceira pessoa é um argumento insuficiente já que não poucos escritores antigos, tais como Jenofonte, César e outros, empregavam essa forma. Os escritores bíblicos, também, às vezes, usavam-na (ISA. 7: 3; 20: 2; Jer. 20: 1, 3; 26: 7; Dão. 1: 6-11, 17, 19, 21; 2: 14-20; etc.; ver com. Esd. 7: 28).

Jonás se identifica como oriundo do Gat-hefer (2 Rei. 14: 25). Foi ele quem predisse a prosperidade do Israel. Esta predição se cumpriu nos dias de Jeroboam II (aproximadamente 793-753 A. C.; ver T. II, P. 86). De modo que as profecias devem ter sido dadas já antes do reinado do Jeroboam II ou pouco

depois do começo desse reinado. Gat-hefer estava no limite do Zabulón, 4 km ao noroeste do monte Tabor. O nome moderno é Kizrbet ez-surra. Ali se vê uma tumba próxima, que se diz que é a do Jonás. Não se sabe nada mais concernente ao Jonás que o que se revela nesta breve menção histórica de 2 Rei. e no mesmo livro do Jonás. Não se sabe tampouco nada respeito a seu pai, Amitai.

3. Marco histórico.-

O período em que Jonás profetizou foi de grande angustia nacional (2 Rei. 14: 26-27). Todos os reis que ocuparam o trono do Israel fizeram o mal à vista do Senhor, e se abatia o castigo nacional. Mediante Jonás o Senhor predisse uma recuperação do poderio nacional. Parece que o alívio que seguiu teve o propósito de ser um estímulo para que a nação se voltasse para Deus. A prosperidade foi uma demonstração do que a nação poderia alcançar sob a bênção do Deus do céu. Entretanto, apesar da bênção divina, Jeroboam "fez o mau ante os olhos do Jehová" (2 Rei. 14: 24), como o fizeram seus sucessores.

Os reis de Assíria durante o reinado do Jeroboam II, segundo a cronologia empregada neste Comentário, foram Adad-nirari III (810-782), Salmanasar IV (782 1020 -772), Asur-dão III (772-754) e Asur-nirari V (754-746). Há provas que parecem indicar que durante o reinado do Adad-nirari III ocorreu uma revolução religiosa. Nabu (Nebo), o deus da Borsipa, parece ter sido proclamado como deus único ou pelo menos principal. Alguns vêem uma possível relação entre essa revolução monoteísta e a missão do Jonás ao Nínive (ver T. II, P. 62).

4. Tema.-

O livro do Jonás é o único entre os doze assim chamados profetas menores que tem forma de relato. Relata a missão do Jonás à cidade do Nínive para anunciar sua pronta destruição por causa de seus pecados. O profeta alberga dúvidas e está perplexo quanto ao mandato que Deus lhe deu que fora a Nínive. O mero pensamento de dirigir-se a essa grande metrópole, as dificuldades e aparentes tropeços da tarefa, fizeram que fugira levar a cabo a missão divina e que pusesse em dúvida a sabedoria dessa empresa. Por não ter estado à altura da fé vigorosa que o teria levado a dar-se conta de que junto com o mandato divino vinha o poder celestial para cumpri-lo, Jonás se inundou no desalento, o temor e o desespero (ver PR 199). Conhecendo a bondade e longanimidad de Deus, Jonás também temeu que se dava a mensagem divina, e os pagãos o aceitavam, não aconteceria a ameaçadora destruição que pronunciava sobre eles. Isto seria para ele uma grande humilhação, como em realidade aconteceu, e não a pôde suportar (cap, 4: 1-2). Ao princípio desobedeceu, mas por meio de uma sucessão de acontecimentos foi induzido a cumprir com a missão. Os habitantes do Nínive arrependeram-se, e por um tempo abandonaram seus pecados. zangou-se Jonás, mas Deus justificou a bondade divina.

Entre as lições ensinadas pela profecia do Jonás está a verdade que afirma que a graça de Deus traz salvação a todos (Tito 2: 11), que certamente não estava limitada aos judeus, mas sim tinha que ser revelada também entre os pagãos. "De maneira que também aos gentis deu Deus arrependimento para vida" (Hech. 11: 18). Como Pedro (Hech. 10), Jonás chegou a entender a contra gosto que Deus estava preparado para receber de entre todas as nações aos que se voltassem para ele. Refiriéndose a "os homens de Nínive" que responderam à exortação do Jonás ao arrependimento, Jesus

condenou aos judeus orgulhosos e farisaicos de seus dias (Mat. 12: 41; Luc. 11: 32) e a todos outros que, em sua complacência religiosa e falso sentido de segurança espiritual, enganam-se a si mesmos pensando que são o povo favorito de Deus, e que isso lhes assegura a salvação.

Jesus empregou o que ocorreu ao Jonás no mar como uma ilustração de seu morte e ressurreição (Mat. 12: 39-40). Sua referência ao livro do Jonás confirma a veracidade do livro.

Os expositores do livro do Jonás seguiram duas classes de interpretações: (1) a histórica, e (2) a alegórico. O segundo método foi adotado por os que negam a possibilidade dos elementos milagrosos do livro. O qualificam de distintas maneiras: lenda, mito, parábola ou alegoria. Para o que acredita nos milagres, o segundo método de interpretação é desnecessário e inútil.

A favor do ponto de vista histórico se apresentaram os seguintes argumentos:

1. A narração deixa ao leitor com a impressão de que é histórica. Não há indício algum de que o autor tivesse a intenção que fora considerada de outra maneira.

2. Jonás é um personagem histórico (2 Rei. 14: 25).

3. Os judeus consideravam o livro como histórico (Josefo, Antiguidades iX. 10. 1-2).

4. A conversão dos ninivitas é verossímil. Ver nas pp. 1019-1020, o

1021 posto quanto a uma possível sincronização histórica com uma revolução religiosa em Assíria.

5. A informação quanto às dimensões do Nínive pode harmonizar com dados históricos conhecidos (ver a Nota Adicional do cap. 1).

6. As referências do Jesus ao livro (Mat. 12: 39-40; Luc. 11: 29-30) mostram que nosso Senhor o considerou como histórico.

Este Comentário aceita a posição de que é histórico.

5. Bosquejo.-

I. A missão do Jonás e sua desobediência, 1: 1-17.

A. A negativa do profeta e a tempestade resultante, 1: 1-10,

B. É tragado por um peixe grande, 1: 11-17.

II. A oração do Jonás e seu resgate, 2: 1-10.

III. A predicación do Jonás e o arrependimento dos ninivitas, 3: 1-10.

IV. A irritação do Jonás e a repreensão que Deus lhe deu, 4: 1-11.

A. A queixa, 4: 1-5.

B. A planta murchada e sua lição, 4: 6-11.

CAPÍTULO 1

1 Jonás, que é enviado ao Nínive, foge ao Tarsis. 4 devido à tempestade, 11 o atiram ao mar 17 e é tragado por um peixe.

1VINO palavra do Jehová ao Jonás filho do Amitai, dizendo:

2 Te levante e vá ao Nínive, aquela grande cidade, e apregoa contra ela; porque subiu sua maldade diante de mim.

3 E Jonás se levantou para fugir da presença do Jehová ao Tarsis, e descendeu ao Jope, e achou uma nave que partia para o Tarsis; e pagando sua passagem, entrou em ela para ir-se com eles ao Tarsis, longe da presença do Jehová.

4 Mas Jehová fez levantar um grande vento no mar, e houve no mar uma tempestade tão grande que se pensou que se partiria a nave.

5 E os marinheiros tiveram medo, e cada um clamava a seu deus; e jogaram ao mar o equipamento que havia na nave, para descarregar a deles. Mas Jonás tinha baixado ao interior da nave, e se tinha posto-se a dormir.

6 E o patrão da nave lhe aproximou e lhe disse: O que tem, dorminhoco? te levante, e clama a seu Deus; possivelmente ele terá compaixão de nós, e não pereceremos.

7 E disseram cada um a seu companheiro: Venham e joguemos sortes, para que saibamos por causa de quem nos veio este mau. E jogaram sortes, e a sorte caiu sobre o Jonás.

8 Então lhe disseram eles: nos declare agora por que nos veio este mau. Que ofício tem, e de onde vem? Qual é sua terra, e de que povo é?

9 E ele lhes respondeu: Sou hebreu, e temo ao Jehová, Deus dos céus, que fez o mar e a terra.

10 E aqueles homens temeram sobremaneira, e lhe disseram: por que tem feito isto? Porque eles sabiam que fugia da presença do Jehová, pois ele se o tinha declarado.

11 E lhe disseram: O que faremos contigo para que o mar nos aquiete? Porque o mar se ia enfurecendo mais e mais.

12 O lhes respondeu: Tomem e me joguem ao mar, e o mar lhes aquietará; porque eu sei que por minha causa veio esta grande tempestade sobre vós.

13 E aqueles homens trabalharam para fazer voltar a nave a terra; mas não puderam, porque o mar se ia enfurecendo mais e mais contra eles.

14 Então clamaram ao Jehová e disseram: Rogamo-lhe agora, Jehová, que não nós pereçamos pela vida deste homem, nem ponha sobre nós a sangue inocente; 1022 porque você, Jehová, fez como quiseste.

15 E tomaram ao Jonás, e o jogaram ao mar; e o mar se aquietou de seu furor.

16 E temeram aqueles homens ao Jehová com grande temor, e ofereceram sacrifício ao Jehová, e fizeram votos.

17 Mas Jehová tinha um grande peixe preparado que tragasse ao Jonás; e esteve Jonás no ventre do peixe três dias e três noites.

1.

Jonás.

Quanto à identidade do Jonás, ver a P. 1019.

Amitai.

Este nome se deriva do Heb. 'émeth, que significa "fidelidade" ou "verdade". menciona-se ao Amitai só aqui e em 2 Rei. 14: 25.

2.

subiu.

Esta expressão, ou alguma similar a ela, usa-se para os pecados do mundo antediluviano (Gén. 6: 5, 11) e dos habitantes da Sodoma e Gomorra (Gén. 18: 20-21). Em ambos os casos o tempo de graça estava por terminar. Possivelmente isto também acontecia no Nínive (ver com. Dão. 4: 17).

Sua maldade.

Nahúm chama o Nínive "cidade sanguinária, toda cheia de mentira e de rapina" (Nah. 3: 1; cf. vers. 19). Entretanto, a cidade não estava despejada. "Não estava completamente entregue ao mal" (PR 198).

diante de mim.

Cf. Gén. 18: 20-21. Deus leva contas com as nações. Cada uma tem seu período de prova. Deus procura obter a obediência de todos os homens e de conseguir a cooperação das nações para levar a cabo o programa divino.

3.

levantou-se.

Jonás não se levantou para obedecer a Deus a não ser para lhe desobedecer. Como o jovem rico, não estava disposto a submeter sua vontade a de Deus (Mat. 19: 21-22). Como "muitos" dos "discípulos" do Senhor, Jonás achou que a ordem de Deus era muito "dura" para ser cumprida, e por isso -como eles- acreditou que pelo menos nesse caso não caminharia "com ele" (Juan 6: 60, 66). O profeta não compreendeu que quando Deus coloca uma missão sobre os homens para que a cumpram de acordo com a vontade divina, fortalece-os para que a levem. Com cada ordem divina vem o poder para cumpri-la. O profeta cometeu o engano de não pôr "primeiro o reino de Deus e sua justiça" (Mat. 6: 33). devido a que lhe desagradava a missão que lhe tinha sido dada, esteve disposto a separar do serviço de Deus até o ponto de que -se não tivesse sido porque interveio a graça de Deus- poderia ter perdido sua alma.

Da presença.

Literalmente, "de diante do rosto do Jehová". Empresa impossível! (Sal. 139: 7-12).

Tarsis.

Geralmente se aceita que Tarsis era a clássica Tartesos, na costa sul de Espanha. Era proverbial por sua riqueza e mantinha um ativo comércio com a cidade fenícia de Tiro e com outros países, aos que exportava prata, ferro, estanho e chumbo (Eze. 27: 12). Nesse distante e ativo lugar Jonás esperava fugir de seu dever e sossegar a voz de sua consciência.

Ao Jope.

O atual porto marítimo da Jaffa, a 54 km ao noroeste de Jerusalém, e uma das cidades mais antigas do mundo. Era o único porto de alguma importância que pertencia aos judeus. Pelo Jope se trouxe para Jerusalém a madeira para a construção do templo do Salomón (2 Crón. 2: 16) e também para sua restauração (Esd. 3: 7).

4.

Um grande vento.

O Senhor não abandonou ao Jonás embora o profeta tratava de fugir dele. "Mediante uma série de provas e providências estranhas" procurou que houvesse uma mudança em a vontade do Jonás e em sua conduta (ver PR 198-199).

É de fazer notar os instrumentos singelos e naturais mediante os quais Deus realizou sua vontade: vento (cap. 1: 4), um grande peixe (cap. 1: 17), um dor (cap. 2: 10), uma aboboreira (cap. 4: 6), um verme (cap. 4: 7), vento e sol (cap. 4: 8).

Que se partia.

A sentença poderia traduzir-se, "e o navio pensou romper-se". Se se aceitar esta tradução, há uma vívida figura de personificação.

5.

A seu deus.

Não se especificam a nacionalidade nem a religião dos marinheiros. Provavelmente alguns eram fenícios, outros talvez de diversas nações, o que representaria uma variedade de religiões.

Equipamento.

Heb. keli, "utensílio", "receptáculo", "equipe". Não é seguro se tanto a carga como os equipamento da nave foram atirados pela amurada.

Interior.

"Fundo" (BJ). Heb. yarkah, "o lado de atrás". Com freqüência se usa no sentido da parte mais remota.

pôs-se a dormir.

"Dormia profundamente" (BJ). Heb. radam, "roncar", 1023 "estar entregue a um sonho profundo". Não se dá a origem do profundo sonho do Jonás.

6.

Patrão da nave.

Literalmente, "marinheiro principal". A palavra para "marinheiro" provém de uma raiz que significa "atar", da qual se deriva o essencial "corda". Embora não se diz, dá-se por sentado que Jonás respondeu ao pedido.

7.

Joguemos sortes.

Os marinheiros pensaram que alguém tinha provocado a ira dos deuses. O Senhor interveio no método para determinar quem era o culpado, de modo que "a sorte caiu sobre o Jonás".

A respeito da pergunta de se for correto ou não jogar sortes, ver com. Eze. 21: 21.

8.

nos declare.

Esta série de curtas perguntas pinta um vívido quadro da excitação que havia a bordo desse maltratado navio.

9.

Hebreu.

Nomeie com o qual com freqüência eram designados os israelitas pelos que não pertenciam a sua raça (Gén. 39: 14; 40: 15; 41: 12; Exo. 1: 16; 2: 7; 3: 18; 1 Sam. 4: 6). Quanto à origem do nome, ver com. Gén. 14: 13.

Jehová.

"Yahveh" (BJ). Nome pessoal de Deus (ver T. I, pp. 180-181). Os términos "Deus" (Heb. 'Elohim) e "Senhor" (Heb. 'Adonai) são nomes gerais que designam a deidade. A palavra 'elohim se usa com freqüência para os deuses falsos (Exo. 18: 11; etc.). De modo que o nome Yahweh designa especificamente ao Deus verdadeiro.

Deus dos céus.

Cf. Gén. 24: 7; Dão. 2: 37, 44.

Que fez.

Uma das características distintivas, apresentada para mostrar a superioridade do Deus verdadeiro (Jer. 10: 10-12).

Não sabemos se os marinheiros estavam familiarizados com o poder do Deus de Jonás mediante um conhecimento prévio dele (ver Exo. 15: 13-16; Jos. 5: 1; 1

Sam. 4: 5-9). Mas nessas circunstâncias estando ameaçados por uma morte iminente e, sem dúvida, interpretando o caráter do Jehová de acordo com seus conceitos pagãos, ficaram aterrorizados.

10.

por que tem feito isto?

É mais uma exclamação que uma pergunta.

11.

O que faremos?

Acreditavam que possivelmente Jonás era o único que conhecia o Jehová e que sabia qual era o meio para expiar seu pecado.

O mar se ia enfurecendo.

"Seguia encrespando-se" (BJ). A forma idiomática hebréia aqui empregada mostra que estava aumentando o furor da tempestade.

12.

me joguem.

Não é claro se Jonás falar aqui por inspiração divina. Seja como for, seu proceder foi varonil. Preferiu não arrastar a outros em sua desgraça. Embora Jonás carecia absolutamente de valor moral (vers. 2-3), não lhe faltava valor físico.

13.

Aqueles homens trabalharam.

"ficaram a remar com ânimo"(BJ). Possivelmente havia alguma dúvida de que o Deus de Jonás requeresse uma medida tão extrema.

A terra.

Nas viagens por mar, os antigos tinham o costume de navegar ao longo da linha da costa, de modo que o navio não estava longe da terra.

14.

Rogamo-lhe.

Os marinheiros temiam ofender mais ao Jehová fazendo morrer a um de seus adoradores. Suas orações foram dirigidas ao Jehová e não a seus deuses.

15.

O mar se aquietou.

Cf. Mat. 8: 26. A calma veio súbitamente, pelo qual os navegantes reconheceram que era um ato de intervenção divina.

16.

Temeram... ao Jehová.

Tão manifesto foi o poder do Jehová sobre a natureza neste episódio e tão notável tinha sido o cumprimento das palavras do Jonás (vers. 12), que não é de admirar-se que os marinheiros reagissem dessa forma.

Ofereceram sacrifício.

Os homens fizeram o que, em seu limitado conhecimento, pensaram que era o mais apropriado.

17.

Tinha preparado.

Heb. manah, "assinalar". A palavra se traduziu "assinalou" em Dão. 1: 5, 10.

Um grande peixe.

O relato não diz se o peixe foi criado para essa ocasião ou se o Senhor empregou uma variedade que já existia, que era capaz de tragar-se a um homem. São vões as especulações quanto a este ponto, pois não se identifica a classe de peixe. Em hebreu se usa o término genérico para "peixe". Ao fazer referência a este caso no NT, no Mat. 12: 40, designa-se ao peixe com o Gr. k'tosse, que tão só denota um "monstro marinho", e que se traduziu como "baleia" (RVA), "grande peixe" (BJ). A LXX diz k'tosse no Jon. 1: 17.

Três dias e três noites.

O lapso comprometido nesta expressão foi muito debatido porque Jesus declarou: "Porque como esteve Jonás no ventre do grande peixe três dias e três noites, assim estará o Filho do Homem no coração da terra três dias e três noites" (Mat. 12: 40). Pode demonstrar-se facilmente que de acordo com a modalidade hebréia a expressão não significa necessariamente três 1024 dias completos de 24 horas cada um, o que dá em total 72 horas. Para um estudo deste problema, ver com. Mat. 12: 40.

Em hebreu, na LXX e na BJ o vers. 17 é o primeiro versículo do cap. 2.

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 1

Nínive, a assíria Ninua, foi uma das mais antigas cidades assírias. Depende o relato bíblico foi fundada pelo Nimrod (ver com. Gén. 10: 11). A evidência arqueológica também testemunha de sua grande antigüidade. Em sua história de muitos séculos, Nínive foi várias vezes a capital do reino assírio. Alcançou sua máxima importância durante o período imperial, entre os séculos IX a VII A. C., especialmente durante o reinado do Senaquerib, que a converteu na cidade mais gloriosa de seu tempo. Pelas descrições que faz Senaquerib de seu esboçado general e dos palácios da cidade, dispõe-se de um claro quadro da antiga metrópole. Desde 612 A. C., quando os babilonios e os medos destruíram completamente ao Nínive, a cidade jazeu em ruínas. Até seu localização foi esquecida até que foi descoberta de novo em meados do século XIX (ver T. I, pp. 116-117).

Nínive estava na margem oriental do rio Tigris frente à atual cidade de

Mosul. Antigamente o rio corria com o passar do muro ocidental da cidade e assim formava um amparo adicional por esse lado. Após há trocado seu curso, e agora corre a 1.200 m ao oeste de seu antigo leito.

Dois montículos de ruínas dentro da zona do Nínive cobrem os palácios principais e templos da antiga cidade. Um deles é Nebi Yunus, baixo o qual está enterrado o palácio do Esar-hadón. O outro montículo, Kuyunyik, contém as ruínas dos palácios do Senaquerib e Asurbanipal. Nebi Yunus logo que foi meio doido pela pá. Há neste sítio uma aldeia assim como a tumba tradicional muçulmana do profeta Jonás, o que faz impossível que os arqueólogos perturbem este montículo. Por outra parte, várias expedições hão trabalhado no Kuyunyik. Botta começou o trabalho neste montículo em 1840. Após se desenterraram partes dos palácios do Senaquerib e de Asurbanipal. Layard e Rassam encontraram no palácio do Asurbanipal uma biblioteca real de 20.000 tabuletas que agora é um dos principais tesouros do Museu Britânico. Esses textos proporcionaram valiosa informação concernente à história, a cultura e a religião dos povos antigos de a Mesopotamia.

O tamanho da antiga Nínive se pode estabelecer com bastante exatidão devido a que as muralhas da cidade ainda são claramente visíveis até em seu estado ruinoso. Essas muralhas se podem ver de uma grande distancia em forma de montículos estendidos, interrompidas por brechas onde estavam as portas. Seu perímetro alcança a 12 km, e tem uma superfície de 663 hectares, que no mapa aparece como um retângulo irregular e alargado (ver P. 1026).

Um prisma octagonal de argila, do Senaquerib, que descreve as construções do rei, nomeia 15 portas da cidade, das quais 7 estavam nas muralhas do sul e do este, 3 na muralha do norte e 5 na do oeste. Durante suas escavações, Henry Layard encontrou uma das portas do norte relativamente bem conservada. A cada lado da porta havia enormes touros que ele deixou em sua posição original. Os visitantes ainda podem vê-los ali. Dois montículos na muralha, em cima de duas atalaias, alcançam uma altura de 20 M. A muralha do este, ligeiramente curva, tinha 5 km de longitude, a do oeste 4 km, a do norte 2 km e a do sul quase 1 km. De acordo com a descrição do Senaquerib, a muralha tinha 12 m de espessura e 20 m de altura. Do este, Nínive não só estava protegida por seus muralhas a não ser além por vários aterros paralelos, cujos restos são ainda visíveis.

Alguns calculam que a população total da cidade murada poderia estimar-se em 160.000. Não se sabe quanta gente vivia fora da cidade. Muitos comentadores interpretaram a referência do Jon. 4:11 às 120.000 pessoas que não podiam discernir entre sua mão direita e sua esquerda como que só se aplica a meninos pequenos. portanto, calcularam que a população total de Nínive deve ter estado entre 600.000 e 2.000.000 de habitantes. Posto que uma população tão grande não podia ter vivido dentro do Nínive, pensaram que cidades 1025 como a cidade do Sargón", agora Jorsabad, a 20 km ao nordeste do Nínive, e Baía, agora chamada Nimrud, na confluência do grande Zab e o Tigris a 30 km ao sul do Nínive, estavam incluídas na Nínive de Jonás. Entretanto, essas cidades, embora pertenciam a Assíria, eram unidades separadas com seus próprios muros protetores e sua administração, e nunca se incluem no Nínive nos antigos registros históricos.

portanto, alguns comentadores modernos, que acreditam que as "cento e vinte mil pessoas" (cap. 4: 11) só se referem aos meninos, e que o autor deste

livro as localiza na Nínive propriamente dita, afirmam que o livro é fictício. Considerando o tamanho real da cidade, seria melhor interpretar que o cap. 4: 11 se refere a pessoas que não podiam distinguir entre o bem e o mal (ver ali o comentário). Se 120.000 fora aproximadamente a população total da cidade propriamente dita, essa seria uma cifra razoável pois a moderna Mosul -que só é um pouco maior- tem mais do dobro de essa população.

A declaração de que "era Nínive cidade grande em extremo, de três dias de caminho" (cap. 3: 3) possivelmente significa que um homem tivesse necessitado três dias para percorrer todo seu território percorrendo suas ruas se queria alcançar a toda a população que vivia dentro de suas muralhas.

Também a declaração de que "começou Jonás a entrar pela cidade, caminho de um dia, e pregava" (cap. 3: 4) dificilmente pode significar que caminhou durante todo um dia até que chegou a um lugar na cidade onde começou seu obra de admoestação. Este texto pode entender-se como que se refere ao começo da obra do Jonás e à proclamação de sua mensagem durante o primeiro dia com o resultado de que "os homens do Nínive acreditaram em Deus" (cap. 3: 5).

Devesse além de recordar-se que para um israelita palestino, Nínive era uma cidade que não podia comparar-se em tamanho com nenhuma outra cidade do Ásia ocidental conhecida por ele. Samaria, a capital do reino do Israel, tão somente abrangia 8 hectares, e nenhuma outra cidade da Palestina era maior, com a exceção de Jerusalém (ver a Nota Adicional do Neh. 3). Para a gente que vinha desse país, Nínive, com seus 660 hectares, era "uma cidade grande em extremo".

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 MC 375

1-3 PR 198

4-8 PR 199

9-17 PR 200

CAPÍTULO 2

1 A oração do Jonás. 10 É liberado do peixe.

1 ENTÃO orou Jonás ao Jehová seu Deus do ventre do peixe,

2 e disse:

Invoquei em minha angústia ao Jehová, e

ele me ouviu;

Do seio do Seol clamei,

E minha voz ouviu.

3 Jogou ao profundo, no meio

dos mares,

E me rodeou a corrente;

Todas suas ondas e suas ondas passaram

sobre mim.

4 Então disse: Desprezando sou

de diante de seus olhos;

Mas ainda verei seu santo templo.

5 As águas me rodearam até a alma, Rodeóme o abismo;

O alga se enredou a minha cabeça.

6 Descendi aos alicerces dos Montes;

A terra jogou seus ferrolhos sobre mim para sempre; 1026

NÍNIVE E ARREDORES

1027

Mas você tirou minha vida da sepultura,

OH Jehová meu Deus.

7 Quando minha alma desfalecia em mim,

lembrei-me do Jehová,

E minha oração chegou até ti em seu santo templo.

8 Os que seguem vaidades ilusórias,

Sua misericórdia abandonam.

9 Mas eu com voz de louvor lhe

oferecerei sacrifícios;

Pagarei o que prometi.

A salvação é do Jehová.

10 E mandou Jehová ao peixe, e vomitou a

Jonás em terra.

1.

Orou Jonás.

A oração descreve a vivencia do Jonás enquanto estava no ventre do peixe. Nela se reconhece a liberação como um fato completo. As passagens que falam de oração respondida e de liberação possivelmente são expressões da vigorosa fé do Jonás na liberação e da segurança de origem divina que o pode ter sido dada de que lhe preservaria a vida.

Na oração do Jonás há alusões a certos salmos. A maioria dos eruditos modernos atribuem a esses salmos uma data posterior ao exílio. Pelo tanto, dão-lhe ao livro do Jonás uma data posterior ao exílio. Entretanto, os que sustentam que esses salmos se escreveram antes do exílio (ver a introdução desses salmos; também o T. III, pp. 623-624), não têm dificuldade em se localizar o livro do Jonás no tempo do Jeroboam II ou antes (ver P. 1019), quando viveu Jonás segundo 2 Rei. 14: 25. As alusões mostram que um judeu piedoso como -era Jonás estava familiarizado com as palavras dos salmos.

Todas as vezes que os filhos de Deus estão em necessidade, têm o precioso privilegio de recorrer a ele em procura de ajuda. Não importa quão inadequado seja o lugar, o ouvido misericordioso de Deus está aberto para seus clamores. Não importa quão desolado e escuro seja o lugar, o filho de Deus que ora o pode converter em um verdadeiro templo.

2.

Em minha angústia.

Ou, "desde minha angústia" (BJ). Compare-se com o clamor do salmista (Sal. 18: 6; 120: 1). Como o filho pródigo (Luc. 15: 17), em sua miserável e se desesperada condição, Jonás foi induzido a voltar "em si", a reconhecer sua absoluta impotência, a aceitar seu necedad de rebelar-se contra a vontade de Deus e seu necessidade da liberação divina.

Ouviu-me.

Cf. Sal. 50: 15; 107: 6.

Seol.

Heb. she'ol, o lugar simbólico da morada dos mortos (ver com. Prov. 15: 11).

Ouviu.

Ver com. vers. 1.

3.

Ao profundo.

Jonás está apresentando uma vívida descrição poética de seu horripilante vivencia.

Suas ondas.

Cf. Sal. 42: 7; 88: 6-7.

4.

Pinjente.

Cf. Sal. 31: 22.

Mas ainda verei.

A BJ, quão mesmo a LXX, expressa isto em forma de uma pergunta: "Como voltarei a contemplar seu santo templo?" pode-se ler o mesmo em hebreu mediante uma mudança de pontos vocálicos. Parece preferível a pergunta já que o contexto indica que não havia esperança nesse momento.

Seu santo templo.

Cf. 1 Rei. 8: 30; Sal. 18: 6; 28: 2; Dão. 6: 10.

5.

Alma.

Heb. néfesh, possivelmente aqui no sentido de "vida" (ver com. Sal. 16: 10). É dizer, as águas o rodearam quase até o ponto de lhe tirar a vida (cf. Sal. 69: 1-2).

O alga se enredou a minha cabeça.

É duvidoso que esta linguagem extremamente poética deva interpretar-se literalmente. Jonás está descrevendo o destino de que cai nas profundidades e por isso com dramática intensidade se descreve adornado com um turbante de algas.

6.

Terra.

Heb. 'érets, que se traduz como "país" com mais freqüência que "terra". Jonás possivelmente aqui designe o "país" do she'ol (ver com. vers. 2) que fecha seus ferrolhos em volto dos que ali entram. Ihe parecia que ia estar ali "para sempre". Isto não implica que Jonás não acreditasse em uma ressurreição futura. A palavra o'olam traduzida "para sempre" denota um tempo que se estende em um futuro indefinido. Às vezes significa eternidade; outras suas vezes duração é limitada pelas circunstâncias (ver com. Exo. 21: 6). A LXX une o'olam com "ferrolhos": "Descendi dentro da terra, cujos ferrolhos são as barreiras eternas".

Sepultura.

Heb. shajath, "fossa", que se usa muitas vezes como sinônimo de she'ol para representar o reino dos mortos (ver com. Prov. 15: 11).

8.

Vaidades ilusórias.

Jonás contrasta sua 1028 feliz experiência com a triste sorte dos que adoram ídolos (ver Sal. 31: 6).

Misericórdia.

Heb. jésed (ver a Nota Adicional do Sal. 36). Segundo alguns, Jonás se refere ao mesmo Deus, o único verdadeiro. Segundo outros, refere-se às obras de Deus de bem e amante bondade que revela a todos os homens (Sal. 145: 8-9; ISA. 55: 3; Hech. 14: 15-17).

9.

Sacrifícios.

Ver Sal. 50: 14; Anexo 5: 4-5.

Salvação.

Cf. Sal. 3: 8; Apoc. 7: 10.

10.

Mandou.

"Deu ordem" (BJ). Deus manda a todos os seres que tem feito. O conhecimento deste fato fundamental é um antídoto contra as falsas teorias a respeito de Deus, que o apresentam como submetido à lei natural, ou o convertem em uma parte inseparável e ineludible da natureza mesma. O conceito bíblico de Deus é que ele é o Criador da natureza, Aquele que -independente de ela- dirige e sustenta o universo, Aquele que está por cima de todas as coisas (ver Job 38; 39; Sal. 19; Couve. 1: 12-17; Apoc. 14: 7).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 PR 200

3-9 PR 201

CAPÍTULO 3

1 Jonás, que é enviado outra vez, prega no Nínive. 5 Como Nínive se arrepende, 10 Deus não executa o castigo anunciado.

1 VEIO palavra do Jehová pela segunda vez ao Jonás, dizendo:

2 Te levante e vá ao Nínive, aquela grande cidade, e proclama nela a mensagem que eu te direi.

3 E se levantou Jonás, e foi ao Nínive conforme à palavra do Jehová. E era Nínive cidade grande em extremo, de três dias de caminho.

4 E começou Jonás a entrar pela cidade, caminho de um dia, e pregava dizendo: daqui a quarenta dias Nínive será destruída.

5 E os homens do Nínive acreditaram em Deus, e proclamaram jejum, e se vestiram de cilício do major até o menor deles.

6 E chegou a notícia até o rei do Nínive, e se levantou de sua cadeira, se despojou de seu vestido, e se cobriu de cilício e se sentou sobre cinza.

7 E fez proclamar e anunciar no Nínive, por mandato do rei e de seus grandes, dizendo: Homens e animais, bois e ovelhas, não gostem de coisa alguma; não se os dê alimento, nem bebam água;

8 a não ser cubram-se de cilício homens e animais, e clamem a Deus fortemente; e converta-se cada um de seu mau caminho, da rapina que há em suas mãos.

9 Quem sabe se se voltará e se arrependerá Deus, e se apartará o ardor de seu ira, e não pereceremos?

10 E viu Deus o que fizeram, que se converteram de seu mau caminho; e se arrependeu do mal que havia dito que lhes faria, e não o fez.

1.

Pela segunda vez.

Sem recriminação algum pela defecção anterior do Jonás, o Senhor repete a ordem de pregar aos ninivitas. E esta vez, sem claudicar ante as inclinações humanas, Jonás obedece rapidamente a ordem celestial e sem mais demora parte para o Nínive.

2.

te levante.

devido à repetição desta palavra (cf. cap. 1: 2), alguns eruditos bíblicos acreditam que é possível que quando Jonás foi liberado do "grande peixe" foi a Jerusalém a oferecer "sacrifícios" e a cumprir com os votos aludidos em seu oração de agradecimento (cap. 2: 9). Esta é uma mera conjetura.

Na antigüidade, um navio que fora de 1029 Jope ao Tarsis talvez seguiria a linha costeira da Palestina para o norte. Se o que aconteceu com o aconteceu em os começos da viagem, Jonás pode ter estado muito mais perto do Nínive que quando se embarcou (ver com. cap. 1: 13; ver o mapa da P. 1018).

Proclama.

Heb. qara', a palavra traduzida "apregoa" em cap. 1: 2.

Que eu te direi.

A mensagem crédula ao Jonás é o mesmo que se dá a cada pregador da Palavra. Tão somente a Palavra de Deus deve ser proclamada do púlpito, e não as palavras humanas (2 Tim. 4: 1-2). Em nosso perturbado mundo de hoje há almas ansiosas e perplexas que desejam receber o conselho de Deus e não os incertos vãos raciocínios e as filosofias de homens tão falíveis como elas. Preferem um "Assim diz Jehová" antes que um "Assim diz um homem".

3.

levantou-se Jonás.

O profeta estava agora tão disposto a cumprir a comissão que Deus lhe havia dado como antes esteve inclinado a evitá-la.

Em extremo.

"Maior" (BJ). Heb. o'lohim, literalmente "para Deus". Expressão idiomática para indicar soma grandeza. Quanto ao tamanho da cidade, ver a Nota Adicional do cap. 1.

4.

Caminho de um dia.

Não é preciso deduzir que Jonás caminhou durante todo um dia antes de que começasse a pregar. Possivelmente a declaração registre o primeiro dia de predicación. Sem dúvida pouco depois de ter entrado na cidade, Jonás começou sua mensagem de admoestação.

daqui a quarenta dias.

Não deve supor-se que estas palavras constituíam todo o texto da mensagem de

Jonás. Entretanto, eram a nota chave de sua admoestação.

Destruída.

Heb. hafak, a palavra usada no Gén. 19: 21, 25, 29 para descrever a destruição da Sodoma.

5.

Acreditaram em Deus.

Ou, "acreditaram em Deus" (BJ). Quanto aos possíveis antecedentes que, depende alguns, contribuíram ao êxito da predicación do Jonás, ver PP. 1019-1020.

Cilício.

Vestimentas de áspero material escuro, tecidas com cabelo de cabra, que se usavam em ocasiões de duelo e calamidade (cf. Dão. 9: 3; Mat. 11: 21; Luc. 10: 13).

6.

O rei.

Possivelmente Adad-nirari III (ver pp. 1019-1020). O sentimento de contrição e arrependimento parece ter surto espontaneamente do povo sem nenhuma ordem oficial (vers. 5). Notável espetáculo ver o rei do mais poderoso império de seus dias humilhar-se "sobre cinza" ante a predicación de um profeta estrangeiro. Que recriminação para os orgulhosos governantes e o povo do Israel que persistentemente recusavam humilhar-se de coração ante o impacto de um mais extenso e contínuo ministério profético! (cf. 2 Rei. 17: 7-18).

7.

Proclamar.

Quando a onda de penitência e humildade que começou com o povo chegou até o rei, ele confirmou o jejum mediante um decreto oficial. Seus nobres se o uniram na promulgação desse decreto, o que indica que seu espírito coincidia com o do rei nessa crise.

E animais.

Estranho decreto, mas recorde-se que procedia de um rei pagão que só havia recebido parte da luz. Um fato similar se refere no livro apócrifo de Judit, talvez escrito no século II A. C.: "Todos os homens do Israel clamaram a Deus com grande ardor, e com grande ardor se humilharam; e eles, seus mulheres, seus filhos e seus gados, os forasteiros residentes, os jornaleiros e os escravos, ateram-se de saco" (Judit 4: 9-10, BJ). Herodoto informa que em uma oportunidade os persas se cortaram o cabelo e também o cabelo (crinas e caudas) de seus cavalos e bestas de carga em uma ocasião de duelo geral (iX. 24). Mas não sabemos até que ponto essas práticas podem ter refletido as costumes assírios.

8.

Converta-se.

Quer dizer, os homens. Os atos religiosos externos não têm valor espiritual a menos que estejam acompanhados por uma sincera reforma interior do caráter.

Rapina.

"Violência" (BJ). Cf. Amós 3: 10.

9.

Quem sabe?.

É duvidoso que Jonás desse segurança alguma de uma possível revogação do decreto divino. Sua ira quando a cidade foi perdoada (cap. 4: 1) indica que não o tinha feito. Entretanto, compreendia bem o caráter misericordioso de Deus (cap. 4: 2).

10.

converteram-se.

Cf. Mat. 12: 41; ver PR 268.

arrependeu-se.

As circunstâncias são as que trocam e não Deus (Jer. 18: 7-10; Eze. 33: 13-16). Em realidade, seus anúncios de castigos com freqüência são profecias condicionais (ver com. Eze. 25: 1). Quanto à forma em que Deus se arrepende, ver com. Gén. 6: 6; 1 Sam. 15: 11. Deus fala com os homens em um linguagem humana. 1030

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 PR 201

1-5 PR 251, 268

3 PR 198

3-9 PR 201

3-10 NB 68-69

4 1T 56

9 5T 78

10 PP 85; PR 202

CAPÍTULO 4

1 Jonás, descontente pela misericórdia de Deus, 4 é repreendido por meio do incidente da aboboreira.

1PERO Jonás se afligiu em extremo, e se zangou.

2 E orou ao Jehová e disse: Agora, OH Jehová, não é isto o que eu dizia estando

ainda em minha terra? Por isso me apressei a fugir ao Tarsis; porque sabia eu que você é Deus clemente e piedoso, demoro para te zangar, e de grande misericórdia, e que te arrepende do mal.

3 Agora pois, OH Jehová, rogo-te que me tire a vida; porque melhor me é a morte que a vida.

4 E Jehová lhe disse: Faz você bem em te zangar tanto?

5 E saiu Jonás da cidade, e acampou para o oriente da cidade, e se fez ali uma ramagem, e se sentou debaixo dela à sombra, até ver o que aconteceria na cidade.

6 E preparou Jehová Deus uma aboboreira, a qual cresceu sobre o Jonás para que fizesse sombra sobre sua cabeça, e lhe liberasse de seu mal-estar; e Jonás se alegrou grandemente pela aboboreira.

7 Mas ao vir o alvorada do dia seguinte, Deus preparou um verme, o qual feriu a aboboreira, e se secou.

8 E aconteceu que ao sair o sol, preparou Deus um robusto vento solano, e o sol feriu o Jonás na cabeça, e se deprimia, e desejava a morte, dizendo: Melhor seria para mim a morte que a vida.

9 Então disse Deus ao Jonás: Tanto te zanga pela aboboreira? E ele respondeu: Muito me zango, até a morte.

10 E disse Jehová: Teve você lástima da aboboreira, na qual não trabalhou, nem você a fez crescer; que em espaço de uma noite nasceu, e em espaço de outra noite pereceu.

11 E não terei eu piedade do Nínive, aquela grande cidade onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir entre sua mão direita e seu emano esquerda, e muitos animais?

1.

afligiu-se.

"Desgostou-se" (BJ). Literalmente, "foi mal para o Jonás, grande mal". O cap. 4 mostra um notável contraste entre a impaciência do coração humano e a longanimidad de Deus. Jonás estava mais que aborrecido; estava muito indignado porque Deus se arrependesse "do mal" (cap. 3: 10). Em vez de regozijar-se porque a graça de Deus tinha perdoado aos arrependidos ninivitas, permitiu que seu orgulho egoísta e pecaminoso resistisse esse fato. Acreditou que, ao não cumpri-lo que havia predito, seria considerado como um falso profeta. Para ele, sua reputação valia mais que todos os habitantes da capital assíria. Também pôde ter pensado que o conhecimento que tem o Senhor do futuro se desacreditaria entre os pagãos ao não cumprir-se esta profecia.

zangou-se.

A misericórdia de Deus com os ninivitas (cap. 3: 10) enfureceu ao Jonás. A misericórdia divina lhe tinha protegido a vida quando ele foi desobediente, mas ficou ciumento quando Deus estendeu essa mesma misericórdia a outros.

2.

Orou

Quão diferentes eram as circunstâncias desta oração comparadas com as do cap. 2, e quão diferente o espírito que a movia! Então pediu vida em oração; agora pedia morte. Então estava humilde, agora zangado.

3.

Tire-me a vida.

Quão diferente o pedido que o fazia Jonás a Deus do que lhe fez 1031 Moisés. Este, com verdadeiro espírito de abnegação, esteve disposto a que seu nome fora apagado contanto que seu povo pecador pudesse viver (Exo. 32: 31-32). Jonás se entregou a um completo desânimo.

4.

te zangar.

A ira do Jonás provinha do egoísmo e não de uma nobre indignação como a que impulsionou ao Jesus a expulsar aos cambistas do templo (Juan 2: 13-17). Por seu precipitação, o profeta se despojou de uma grande bênção (cf. Prov. 14: 29; 16: 32).

5.

Até ver.

Alguns acreditam que Jonás interpretou a pergunta: "Faz você bem em te zangar?" (vers. 4) como que implicava que, em sua pressa, tinha julgado mal a intenção divina, e portanto havia ainda a possibilidade de que Nínive fora destruída. Outros acreditam que Jonás pôde ter acreditado que o arrependimento do povo não era sincero, e que Deus o castigaria depois de tudo. Mas bem poderia ser que sua reação meramente refletia sua teimosa atitude e insistência de que Deus cumprisse o que tinha ameaçado.

6.

Preparou.

Heb. manah, "ordenar".

Aboboreira.

Heb. qiqayon, uma planta desconhecida. sugeriram-se várias identificações, tais como a planta de rícino (BJ), certo pepino, étc. A planta cresceu milagrosamente, e é desnecessário identificá-la com qualquer planta que cresce com rapidez, embora possa ter sido uma variedade bem conhecida nessas regiões, talvez a não identificada kukkanitu do idioma acadio.

Mal-estar.

Heb. ra'ah, palavra genérica que representa mau, desgraça, dificuldade, aflição. O mal-estar do Jonás não era tanto físico como mental e espiritual, devido à moléstia, a humilhação e a decepção que acreditava que estava sofrendo.

7.

Preparou.

Ver com. vers. 6.Se secou.

Com quanta freqüência na experiência humana, quando um novo dia de gozo e alegria parece estar por despontar, apresenta-se o verme da desgraça ou do dor para converter a esperança em desespero.

8.

Preparou.

Ver com. vers. 6.

Robusto.

Heb.jarishith, palavra que só aparece aqui e que possivelmente significa "abrasador". "Sufocante" (BJ).

9.

Muito me zango.

"Parece-me bem me irritar" (BJ). Impaciente e tercamente o profeta justificava sua ira e resolução de morrer. Deus procurava que se provocasse em ele uma atitude razoável.

10.

Teve você lástima.

Jonás, o irado e desumano profeta, estava disposto a compadecer-se de uma fútil aboboreira de pouco valor e a lhe preservar a vida -embora não lhe havia demandado trabalho nem esforço-, mas não estava disposto a mostrar a mesma consideração com os habitantes da grande cidade do Nínive. A LXX traduz a primeira parte do versículo assim: "E o Senhor disse: Você teve compaixão de a aboboreira, pela qual você não sofreste, nem a fez crescer".

Jonás estava irado quando Deus não destruiu aos ninivitas (vers. 1, 4), e zangado quando Deus permitiu que se secasse a aboboreira (vers. 9). O que distorcido sentido dos valores! Ao Jonás importava mais a aboboreira que os ninivitas.

11.

Cento e vinte mil.

Quanto à população do Nínive, ver a Nota Adicional do cap. 1.

Que não sabem discernir.

Alguns aplicaram esta expressão aos meninos pequeñitos que não tinham ainda idade suficiente para determinar que mão era mais forte e mais útil. Se calcula-se que esses garotinhos representavam um quinto da população, Nínive

teria sido uma cidade de 600.000 habitantes. Esta cifra é muito grande e não pode fazer a corresponder com o tamanho que se conhece da antiga cidade. Parecesse que é melhor considerar a expressão "que não sabem discernir" como metafórico, que se aplica aos que tinham um conhecimento imperfeito do bem e do mal. Se a expressão se considerar como literal, então se trataria do Nínive e seus arredores (ver a Nota Adicional do cap. 1).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 NB 85

1-3 PR 203

2 DC 8; 5T 649

4-11 PR 203 1033